A filosofia de Epicteto e a superação da ruptura entre sujeito e objeto

Daiana Priscila Silva[1]

RESUMO

Este artigo trata a filosofia estoica de Epicteto como uma contribuição para pensar a superação da ruptura entre sujeito e objeto do conhecimento. Por meio do cotejamento entre os ensinamentos das *Diatribes* e a análise crítico-epistemológica de Marilena Chaui no trabalho *Saber x poder: em busca do espaço de reflexão*, apresenta-se o pensamento epictetiano como uma alternativa à racionalidade técnica moderna, propondo uma ética fundamentada na noção do cosmos como substância animada em que a atividade humana é integrada com o todo. A concepção estoica de conhecimento, mediada pela retificação racional das representações e pela prática de exercícios éticos, exclui a dicotomia sujeito-objeto, promovendo uma relação dinâmica de participação na natureza. Chaui, ao criticar a concepção de conhecimento como representação, reforça a necessidade de um saber reflexivo que negue a imediatez da experiência, encontrando ressonância na ideia estoica de progresso como transformação de si em conformidade com o cosmos. A articulação entre ambos os pensadores sugere implicações para a metodologia de pesquisa educacional, propondo uma abordagem dialética que valorize as tensões e transformações do saber. Assim, este estudo destaca o potencial formativo da filosofia de Epicteto para a formação de sujeitos éticos que atuem em harmonia com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Epicteto; Estoicismo; Epistemologia; Sujeito-objeto; Filosofia da educação.

[1] Mestranda em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora de educação infantojuvenil na Divisão de Educação Infantil e Complementar da Unicamp. Lattes: 9558525712995468. E-mail: sdaianapriscila@gmail.com. ORCID: 0009-0004-3056-6336.

The philosophy of Epictetus and the overcoming of the subject-object rupture

ABSTRACT

This article examines the Stoic philosophy of Epictetus as a contribution to thinking beyond the rupture between subject and object of knowledge. Through a comparative analysis of the teachings of the *Discourses* and Marilena Chaui's critical-epistemological reflection in the work *Saber x poder: em busca do espaço de reflexão*, Epictetus' thought is presented as an alternative to modern technical rationality, proposing an ethics grounded in the notion of the cosmos as an animated substance in which human activity is integrated with the whole. The Stoic conception of knowledge, mediated by the rational correction of representations and by the practice of ethical exercises, excludes the subject-object dichotomy, promoting a dynamic relation of participation in nature. Chaui, by criticizing the conception of knowledge as representation, reinforces the need for a reflective form of knowledge that denies the immediacy of experience, finding resonance in the Stoic idea of progress as the transformation of the self in accordance with the cosmos. The articulation between both thinkers suggests implications for educational research methodology, proposing a dialectical approach that values the tensions and transformations of knowledge. Thus, this study highlights the formative potential of Epictetus' philosophy for the education of ethical subjects who act in harmony with nature.

KEYWORDS

Epictetus; Stoicism; Epistemology; Subject-object; Philosophy of education.

Recebido: 05/01/2026
Aceito: 07/07/2026
Publicado: 11/11/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/kbua6187

Investigar a filosofia estoica de Epicteto como uma contribuição para a superação da ruptura entre sujeito e objeto do conhecimento requer, inicialmente, considerar que a união entre sujeito e objeto está presente, ainda que indiretamente, em sua obra. Embora essa questão tenha sido sistematizada e elevada a um problema epistemológico central apenas na Modernidade, em Epicteto ela se encontra intrinsecamente ligada ao caráter ético de seu pensamento. Para o filósofo, o ato de conhecer implica retificar os juízos de valor por meio do bom uso das representações, visando viver conforme a natureza.

Para situar o ato de conhecer a partir da relação entre a filosofia antiga de Epicteto e a crítica epistemológica traçada por Marilena Chaui, as *Diatribes*[2] serão analisadas à luz do percurso desenvolvido no texto *Saber x poder: em busca do espaço de reflexão* (Chaui, 2014). Embora esses dois textos estejam distantes no tempo, no espaço e possuam intencionalidades distintas, ambos parecem dialogar amplamente com a concepção de conhecimento como fruto do trabalho reflexivo e como processo ativo de transformação de si e do mundo.

Epicteto nasceu em Hierápolis, na região da Frígia, e viveu aproximadamente entre os anos 50 e 130 da Era Comum. Durante parte de sua vida, foi escravizado e viveu em Roma, onde serviu a Epafrodito, um funcionário de alta patente no império de Nero e Domiciano. Ainda na condição de escravo, teve acesso às aulas de Musônio Rufo, conhecido como o "Sócrates Romano".[3] Após ser libertado,[4] fundou uma escola filosófica que, banida de Roma por decreto imperial, estabeleceu-se em Nicópolis, na Grécia. Epicteto nada escreveu; sua filosofia foi preservada por seu discípulo Flávio Arriano nas *Diatribes* e no *Manual* (*Encheirídion*), este último, uma condensação temática da primeira.[5]

[2] As referências às obras de Epicteto seguem as diferentes edições utilizadas neste trabalho: *Disertaciones*, quando se trata da tradução espanhola da Gredos, e *Diatribes*, nas passagens citadas a partir de traduções em língua portuguesa. Em especial, serão enfatizados os capítulos indicados por Aldo Dinucci (nota 220, p. 62-63) em sua tradução de *As* Diatribes *de Epicteto, livro I*, nos quais Epicteto discute alguns dos temas centrais de seu pensamento. Segundo Dinucci, esse conjunto de textos abarca os três campos de estudo que compõem o programa educacional do filósofo. *Cf*. *Diatribes*, 1.4.11; 1.17.20-26; 1.21.1-2; 2.8.29; 2.17.14-18; 2.24.19-20; 3.2.1-6; 3.12.8-15; 3.26.14; 4.4.13; 4.6.26; 4.10.13; 4.11.6.

[3] Musônio Rufo foi reconhecido como o "Sócrates Romano" devido a sua influência na formação do estoicismo tardio. Nas palavras de Sellars: "Musônio efetivamente está no início de uma nova dinastia estoica que moldou a tradição estoica nos primeiros dois séculos E.C." (2024, p. 38).

[4] "Em suma, pelo que somos informados nas *Diatribes* e alhures, a única coisa certa quanto ao período de servidão de Epicteto é que ele foi servo pelo menos em parte de sua vida e que já não o era mais quando Domiciano decretou, provavelmente em 95, a expulsão dos filósofos e astrólogos de Roma, decreto que atingiu o nosso filósofo" (Dinucci, 2020, p. 15-16).

[5] O *Manual*, diferentemente da maioria dos compêndios, não se apresenta como uma obra introdutória. Trata-se, antes, de um recurso destinado àqueles que, já empenhados nos estudos dessa filosofia, tenham à mão seus ensinamentos principais e necessários. Conforme explica Dinucci, "o *Encheirídion* serve não como uma introdução aos que ignoram a filosofia estoica, mas, antes, àqueles já familiarizados com os princípios do estoicismo, para que tenham uma síntese que possam sempre levar consigo e utilizar" (2014, p. 20).

Marilena Chaui, professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), possui vasta produção nas áreas de filosofia política, epistemologia e história da filosofia moderna. Sua obra é marcada pela crítica à razão instrumental e ao dualismo sujeito-objeto característico da modernidade. O texto analisado neste artigo, *Saber x poder: em busca do espaço da reflexão*, foi publicado no quarto volume da coleção "Escritos de Marilena Chaui", da Editora Autêntica, que tem como título *Conformismo e resistência*. O ensaio apresenta uma versão reelaborada de um debate sobre a relação entre o Estado e a produção cultural, em 1978 (Chaui, 2014, p. 164, nota 126). Nele, Chaui propõe uma análise crítica da modernidade a partir das relações entre conhecimento e poder, defendendo a necessidade de um retorno à filosofia como espaço de reflexão do real, em oposição à lógica de dominação e objetivação do mundo.

Este artigo objetiva examinar de que maneira a filosofia de Epicteto contribui para superar a separação moderna entre sujeito e objeto do conhecimento, conforme criticada por Marilena Chaui. Por meio do cotejamento entre os ensinamentos do filósofo estoico e a análise de Chaui, busca-se evidenciar como o pensamento epictetiano oferece uma alternativa à racionalidade técnica moderna, propondo uma ética fundamentada na noção do cosmos como substância animada, na qual a atividade humana se harmoniza com o todo para sua plena realização e liberdade.[6] Assim, pretende-se destacar o potencial formativo da filosofia antiga como exercício de pensamento comprometido com a prática e a formação de sujeitos éticos em um mundo marcado por relações de poder e alienação do saber.

De acordo com Chaui, as noções de conhecimento e pensamento podem ser compreendidas a partir de dois paradigmas opostos: o conhecimento como representação e o pensamento como trabalho reflexivo. Entendido como representação, o conhecimento, a partir da Modernidade, pressupõe uma ruptura entre sujeito e objeto, dividindo o real em dois planos – o da objetividade (dados, fatos, coisas) e o da subjetividade (ideias, consciência). Já o pensamento como trabalho reflexivo implica uma relação e uma efetuação simultânea entre sujeito e objeto do conhecimento (Chaui, 2014, p. 148-53).

Essas ideias dialogam com a filosofia de Epicteto, que propõe um caminho para a realização humana baseado na ideia de participação: o ser humano, como parte da natureza, ao viver de acordo com ela, a coloca em exercício enquanto realiza a si mesmo como indivíduo.

[6] "O 'todo' (*hólon*) refere-se ao cosmos [...] o cosmos é um ser vivo, finitamente extenso, um contínuo esférico de matéria unido pelo sopro ou *pneuma* que o permeia. Esse *pneuma* é identificado com deus e com a razão, que é muito mais do que uma força magnética ou gravitacional. É um princípio organizador consciente e racional, a alma do cosmos [...]" (Sellars, 2024, p. 135).

Assim, a relação sujeito-objeto se expressa, em termos estoicos, como um trabalho constante de avaliação e uso racional das representações, aplicado à condução da vida por meio de práticas reflexivas e de ações cotidianas. Para os estoicos, a representação é uma impressão na alma,[7] conferindo ao sujeito, por um lado, certa passividade diante do que se apresenta. Por outro lado, há um papel ativo: o indivíduo deve retificar suas impressões para agir de forma coerente com a vida racional. Esses dois movimentos se complementam, afirmando uma interação dinâmica entre o que hoje denominaríamos sujeito e objeto do conhecimento. Assim, no pensamento estoico, não há ruptura entre sujeito e objeto, mas uma relação mediada pela reflexão e pela ação.[8]

Alguns pontos de aproximação entre a análise epistemológica e crítica de Chaui sobre as relações de poder e a filosofia estoica de Epicteto ajudam a esclarecer como o ato de conhecer pode se situar a partir de uma nova ordem de interação entre o ser humano, o conhecimento e a natureza.

Ao entender o conhecimento como trabalho, Chaui recorre à concepção de trabalho de Marx, descrevendo-o como uma relação mediada entre sujeito e objeto, a partir da qual ambos se efetivam:

> em primeiro lugar, o pensamento não é entendido mais como uma relação intelectual entre um sujeito e um objeto exteriores um ao outro, mas como *trabalho* (não como uma prática teórica, nem como uma prática prática, mas como trabalho) (2014, p. 151).

É por meio do trabalho que "o sujeito se exterioriza em um objeto novo, nascido de sua ação, e o objeto exprime a interioridade do sujeito que o produziu" (Chaui, 2014, p. 164, nota 127). Chaui esclarece essa ideia com o exemplo da transformação de uma árvore em mesa: o trabalhador exterioriza-se a partir de seu projeto de mesa, e esse objeto, por sua vez, é uma expressão concreta da interioridade do sujeito que o produziu.

Essa concepção do pensamento como trabalho implica uma dinâmica de exteriorização do sujeito e de expressão de sua interioridade por meio do objeto. Em Epicteto, os exercícios

[7] Sellars, citando a obra de Diógenes Laércio (DL) intitulada *Vidas e opiniões dos filósofos ilustres*, afirma: "uma representação (*phantasía*) é literalmente uma impressão na alma (DL, 7.45), parecida com a maneira como um selo causa uma impressão em um pedaço de cera (embora de maneira não tão literal, sugeriram os estoicos posteriores, para explicar como novas representações são impressas por cima das anteriores cf. DL, 7.50). Enquanto se supõe que a maioria das representações vem da sensação, [...] eles também reconhecem representações recebidas da mente que são produto do raciocínio (DL, 7.51)" (2024, p. 96).

[8] Segundo Chaui, a subjetividade é uma descoberta do idealismo alemão (2011, p. 345). Embora os termos "sujeito" e o "objeto" sejam usados em filosofias anteriores à Modernidade, é só no século XVIII que eles deixam de designar simplesmente a *coisa* de onde algo parte (*subjectum*) e a *coisa* onde algo chega (*objectum*), ganhando o lugar de *fundamentum*. Sobre essa discussão, ver Chaui (2011, p. 336-46).

éticos, como busca e prática constante pelo que é propriamente bom e desejável, pelas ações adequadas e a reflexão sobre as representações, cumprem esse papel. Esses exercícios consistem em práticas filosóficas cotidianas voltadas à transformação interior do indivíduo, orientadas pela razão e pela conformidade com a ordem natural do cosmos. O sujeito estoico, ao trabalhar sobre si, externaliza sua razão ao agir no mundo, e esse agir expressa sua interioridade transformada, alinhada com a ordem natural.

Por isso, a importância dada por Epicteto aos exercícios éticos para o progresso do indivíduo dialoga com a ideia de pensamento como trabalho, proposta por Chaui. Os exercícios éticos têm o sentido de um labor ativo que visa delinear o caráter ético do ser humano e, consequentemente, suas ações. Considerando que toda atuação humana participa da cadeia de causas e efeitos que atravessa a natureza, o estoicismo trata o conhecimento verdadeiro como um processo que envolve a relação transformadora entre ser humano e natureza.

Nesse ponto, é importante salientar que o sentido de "progresso" em Epicteto difere da visão moderna e positivista do termo, compreendido como avanço linear e ilimitado. Para o filósofo, o progresso é um processo em direção à "realização completa de algo" (*Diatribes*, 1.4.4; 2020a, p. 61). Essa realização, para o ser humano, corresponde ao curso sereno da vida – a finalidade última da virtude. Assim, "progresso" guarda o sentido etimológico da palavra latina *progressus*, derivada de *progredi*, que significa "avançar" ou "ir adiante". O progresso ocorre, nesse sentido, por meio da prática constante dos exercícios espirituais com vistas à transformação de si e à conformidade com a natureza.

A caracterização de Chaui do pensamento como um movimento simultâneo de constituição do sujeito e do objeto encontra ressonância na concepção estoica de que o ser humano apenas se realiza ao compreender e agir em conformidade com o cosmos. Enquanto parte da natureza, o ser humano é capaz de exercitar a razão – princípio ativo e estruturante do próprio universo – para se lapidar e alcançar sua plena realização. Desse modo, o sujeito não está separado do mundo, mas integrado a ele, participando ativamente de seu movimento. Essa perspectiva dissolve a dicotomia entre sujeito e objeto e estabelece uma relação intrínseca entre indivíduo e mundo.

Na discussão desenvolvida por Chaui, a rejeição da separação disruptiva entre sujeito e objeto é elaborada a partir da crítica ao paradigma do "conhecimento como representação". A autora demonstra que o pressuposto filosófico dessa concepção, que separa radicalmente sujeito e objeto, entende o sujeito como uma instância fora do real (Chaui, 2014, p. 148).

Dessa forma, concebido como representação, o conhecimento passa a se restringir a uma oposição irreconciliável: ou o sujeito é o detentor de todas as condições do conhecer, ou o objeto contém em si a totalidade de sua possibilidade. De um lado, as teorias de cunho subjetivista e idealista atribuem ao sujeito uma positividade existente e real, entendendo que as coisas adquirem suas propriedades apenas na medida em que são representadas pelos sujeitos. De outro, a perspectiva objetivista e positivista confere realidade plena aos dados e fatos, considerando que os sujeitos têm acesso apenas a uma visão parcial e específica dos objetos (Chaui, 2014, p. 148-49). Nesse horizonte, lidar com o real implica reunir a maior quantidade possível de diferentes pontos de vista sobre cada objeto.

Em ambos os casos, a realidade é concebida como uma substância separada. Essas duas perspectivas, embora à primeira vista pareçam opostas, compartilham fundamentos comuns de caráter dicotômico e reducionista, na medida em que consideram apenas um dos polos como o real, relegando o outro à condição de mero reflexo. Ademais, a concepção de "conhecimento como representação" sustenta uma identidade estática, como se as coisas, para existirem, precisassem assumir apenas aquilo que nelas é idêntico, desconsiderando a contradição e a relação com o outro no interior de um mesmo objeto.[9] Em outras palavras, sob essa ótica, o real só se torna compreensível quando se apreende sua essência – aquilo que distingue algo dos demais –, ignorando-se, assim, a ideia de participação como elemento fundante de toda a realidade.

Epicteto, em contrapartida, vê o ser humano como a expressão mais completa da natureza, um partícipe ativo de seu movimento – a natureza em ação, e não um mero observador externo. Nesse sentido, sua filosofia não separa radicalmente sujeito e objeto. Como consequência, o princípio de identidade, entendido como essência isolada, também não encontra lugar em seu pensamento, uma vez que ele aproxima o sujeito do mundo em um processo dinâmico de integração. Nas palavras do estoico, os seres humanos são intérpretes e fragmentos inseparáveis de Deus, compreendido como natureza:

> tu és intérprete, tu és fragmento de Deus. Tu possuis em ti mesmo uma parte dele. Por que, então, ignoras os laços familiares? Por que não sabes de onde vieste? Não queres lembrar, quando comes, quem come e a quem alimentas? Quando fazes sexo, quem está fazendo sexo? Infeliz, quando conversas, quando te exercitas, não sabes e ignoras que alimentas Deus, que exercitas Deus, que carregas Deus contigo. Pensas que me refiro a algo exterior feito de prata ou ouro? Possuis Deus em ti mesmo e não percebes

[9] "Em resumo: a condição *sine qua non* da representação é a expulsão do contraditório e a afirmação do idêntico ou positivo" (Chaui, 2014, p. 160).

> que o degradas com pensamentos impuros e com ações sórdidas (*Diatribes*, 2.8.11.1-14; 2020a, p. 224-25).

Compreender-se como um fragmento e um intérprete de Deus significa se saber parte ativa da natureza e colocá-la em exercício, ao pensar e agir em conformidade com ela. Nesse ponto, nos deparamos com o famoso lema estoico "viver segundo a natureza", que, ao menos em um de seus sentidos, implica "viver de acordo com a natureza como um ser racional e [...] seguir isso em vez de reagir passivamente a forças externas" (Sellars, 2024, p. 171). Em termos mais específicos, trata-se de assentir adequadamente às proposições que se formam a partir das representações recebidas pelas sensações e pelas preconcepções. Conforme esclarece Sellars:

> assim que uma representação é recebida, ela é transformada em uma proposição. Então a representação de um homem sentado debaixo de uma árvore é apresentada à mente como uma proposição tal como "há um homem sentado debaixo de uma árvore". A mente então aceita ou rejeita essa proposição. Este é o ato de assentir (*sunkatathesis*) (2024, p. 97).

Para os estoicos, as proposições que prontamente formamos a partir das representações que se imprimem em nós devem passar pelo crivo da razão, a fim de evitar que se adicionem juízos de valor preconcebidos naquilo que percebemos da realidade. Esse é o sentido de assentir adequadamente às nossas representações.

Um célebre exemplo narrado por Aulo Gélio, em *Noites áticas*, ilustra a concepção e a função do assentimento na filosofia estoica. A narrativa descreve uma viagem marítima que enfrenta uma violenta tempestade em alto-mar, deixando os passageiros visivelmente apavorados. Dentre eles, havia um filósofo estoico que, diante do perigo, aparentava estar tão assustado quanto os demais. Gélio decepciona-se com o que vê, ao presenciar a exemplar falha do estoicismo "como um antídoto para emoções indesejadas como o medo" (Sellars, 2024, p. 97). Após o fim da tempestade, ele questiona a postura do filósofo que, como adepto do estoicismo, "supostamente alegou ser indiferente a todas as circunstâncias externas e ter superado as emoções" (Sellars, 2024, p. 97). Em resposta, o filósofo estoico argumenta, com base no livro cinco das *Diatribes* de Epicteto (hoje perdido), que as representações que recebemos não estão sob nosso controle e, por isso, não são objeto de escolha; no entanto, temos o poder de assentir ou não a elas.

Em uma situação como essa, a representação que os passageiros recebem, em um primeiro momento, não constitui ainda a paixão do medo propriamente dita, mas um movimento inicial involuntário que pode dar origem a ela, caso haja assentimento. De acordo

com Epicteto, esse primeiro movimento – como o susto ou a contração diante do perigo – é anterior à paixão, sendo compreendido como uma reação automática da alma que pode ocorrer inclusive no sábio, pois não envolve assentimento.[10] Este só ocorre quando o indivíduo aprova a representação de que aquilo que se apresenta é um mal. Nesse caso, apenas ao assentir à proposição "há uma onda em cima da minha cabeça e isso é terrível" (Sellars, 2024, p. 99), é que a paixão do medo se configura.

Segundo a filosofia estoica, as proposições devem ser retificadas, de modo a assentir ou rejeitar o que nelas corresponde ao que efetivamente se apresenta. No exemplo acima, o assentimento adequado consiste simplesmente em reconhecer que "há uma onda em cima da minha cabeça". Esse exemplo esclarece que o exercício do assentimento requer, após o primeiro movimento involuntário, um cuidado com as preconcepções e com os juízos de valor implícitos e equivocados que tendemos a formular ao entrar em contato com os acontecimentos.

É importante observar, a partir desse exemplo, que a consideração "e isso é terrível" – quando não retificada – constitui, para os estoicos, um equívoco sobretudo ético e cosmológico. Pois, além de acrescentar uma valoração subjetiva à realidade do acontecimento, esse juízo expressa uma tensão entre o desejo individual e a necessidade cósmica que rege o curso dos acontecimentos, implicando uma vontade de dominação da realidade em ruptura com a ordem natural.

A partir desse diálogo, apesar das diferenças contextuais e conceituais entre a filosofia estoica de Epicteto e a reflexão de Chaui, é possível considerar que, cada uma a seu modo, contribui para a crítica à cisão sujeito-objeto. Em termos modernos, trata-se, para ambas, de um erro estrutural do ato de conhecer. Em Epicteto, esse erro ocorre quando o ser humano se coloca contra o curso da natureza; em Chaui, quando o sujeito se pensa desassociado do objeto. Além disso, ambas atribuem um papel criativo ao pensamento na relação sujeito-mundo: para Epicteto, por meio do assentimento como prática ética e da participação no *logos* universal; para Chaui, por meio da reflexão concebida como trabalho.

Nesse sentido, as duas concepções compreendem que as representações devem ser submetidas ao crivo da reflexão, para que se possa pensar adequadamente a realidade e agir. Chaui argumenta que o pensamento reflexivo nega, necessariamente, a imediatez da experiência, uma vez que exige um trabalho de mediação. Para a filósofa, a experiência possui, a princípio, uma dimensão abstrata e separada do sujeito, já que a relação mediada entre sujeito

[10] Sobre a distinção estoica entre os primeiros movimentos (pré-paixões) e as paixões propriamente ditas, que dependem do assentimento, ver: Diogo da Luz, *Páthos: distúrbio passional e terapia em Epicteto* (2019).

e objeto ainda não foi estabelecida. Por isso, o primeiro passo para o pensamento, concebido como trabalho reflexivo, consiste na negação da experiência imediata:

> a primeira tarefa realizada pelo pensamento como trabalho da reflexão é negar a imediateza da experiência ou seu caráter abstrato, isto é, negar aquilo que é próprio da experiência imediata, partindo em busca da gênese, da origem, da produção daquilo que apenas está dado. A experiência nos dá a "coisa" como um dado bruto e separado e no qual a representação tende a estacionar, não ultrapassando essa dimensão abstrata. (Chaui, 2014, p. 151).

Epicteto, de maneira semelhante, ao compreender a disciplina do assentimento como um dos tópicos fundamentais da filosofia estoica, defende que o ser humano deve retificar suas representações, avaliando criticamente as impressões que recebe, para agir conforme a natureza. Para ele, a passividade diante das representações é um obstáculo ao saber;[11] o trabalho reflexivo é essencial para alinhar a ação à razão da própria natureza.

Por fim, a crítica de Chaui evidencia as relações de poder implicadas no ato de conhecer concebido como representação. Com efeito, o princípio de identidade e a separação entre sujeito e objeto instauram, sobretudo, uma relação de poder, na qual os indivíduos buscam dominar os outros – sejam estes objetos ou seres humanos. A pensadora esclarece que, ao se exigir essa separação, o que está em jogo não é propriamente uma posição de saber, mas uma posição de poder diante do conhecimento, na medida em que tal separação tem como finalidade a dominação de algo externo, concebido como objeto.

Assim, a ideia de que o objetivo da ciência consiste em conhecer puramente seus objetos se desmistifica, evidenciando o caráter político da discussão epistemológica. Segundo Chaui, na sociedade moderna, ao assumir a posição de algo externo, o poder produz a falsa impressão de uma unificação social, mascarando a imposição hegemônica dos valores da classe dominante.[12]

Epicteto, dentro de seu contexto histórico e social, condena repetidamente a postura presunçosa de quem busca o saber como forma de poder ou prestígio. Para ele, a imposição

[11] "¿Cuál es la primera tarea de quien filosofa? Expulsar la opinión injustificada. Pues es imposible empezar a aprender lo que uno cree saberse" (*Disertaciones*, 2.17.1-2; 1993, p. 214)

[12] Essa ideia é desenvolvida paralelamente por Chaui em seus escritos sobre a ideologia. Em *Ideologia e educação*, a autora define a ideologia como um conjunto de representações e normas que prescrevem de antemão como se deve pensar, agir e sentir, negando a temporalidade e a novidade desses atos. Chaui destaca que a ideologia generaliza os interesses de uma classe dominante como se fossem universais, ocultando a divisão da sociedade em classes e naturalizando a relação entre dominantes e dominados (2016, p. 247-48). Sua eficácia depende da interiorização desse imaginário coletivo, que se torna invisível e hegemonicamente aceito como verdade. A ideologia opera por uma lógica lacunar e "eterna", silenciando contradições e dissimulando sua gênese social, como na ideologia da competência, que, ao valorizar o especialista, deslegitima o saber popular e reforça hierarquias e o poder hegemônico.

sobre o outro é contrária à filosofia e revela uma preocupação supérflua, distante da busca pela realização humana e pela felicidade (*Diatribes*, 1.21.1-4; 2020a, p. 138). O verdadeiro saber está no compromisso com o progresso pessoal, a partir do reconhecimento de si como parte da natureza (*Diatribes*, 1.4.1-12; 2020a, p. 61-62). É com base no critério de integração à ordem natural – e não na sobreposição aos outros ou ao cosmos – que o verdadeiro conhecimento pode se realizar.

Em vista disso, estudar o sentido do pensamento na filosofia estoica a partir da relação entre o ser humano e a natureza fortalece o que Chaui chama de uma posição de saber, em oposição à posição de poder do conhecimento. Essas aproximações nos convidam a repensar o saber como um exercício de transformação de si e do mundo – e não como instrumento de dominação. Trata-se, portanto, de um convite para pensar a partir do paradigma do pensamento como trabalho reflexivo e integrador de realização do ser humano e da natureza.

Em Epicteto, a realidade compreendida por meio da concepção estoica de *simpatia cósmica*,[13] abrange a contradição inerente aos fatos e aos objetos, acolhendo a complexidade do real em vez de reduzi-la a identidades estáticas e separadas. Assim, a interação contínua, bem como as contradições e influências que a acompanham, está na base das discussões das *Diatribes.* Nestas, as contradições não são tratadas apenas como desafios, mas, sobretudo, como oportunidades para a prática da virtude. Ao afirmar, por exemplo, que a realização humana se dá por meio de um caminho formativo ao longo da vida, marcado pela dedicação e pelo exercício da busca pelo que é bom e desejável, do assentimento e da ação adequada, Epicteto (*Diatribes*, 1.4.11-21; 2020a, p. 62-65) tem em vista a interação, as contradições e as influências entre todas as coisas.

Essa perspectiva contrasta com a representação moderna criticada por Chaui (2016, p. 248), que, ao buscar uma lógica desprovida de lacunas, elimina o contraditório para sustentar a dominação ideológica. Para Epicteto, a busca e o exercício da sabedoria não se limitam à aceitação passiva dessas tensões, mas envolvem exercícios éticos que permitem ao indivíduo enfrentar contradições internas e externas sem ser dominado por elas. Essas práticas, ao orientarem a razão para o que está sob nosso controle, acolhem o contraditório, propondo um caminho para a liberdade e a harmonia com a natureza. Assim, em vez de silenciar as

[13] Ao conceber o *cosmos* como uma substância animada, "um ser vivo, racional, animado e inteligente" (DL, 7.142-43 *apud* Sellars, 2024, p. 131), os estoicos entendiam a *simpatia cósmica* como "[...] uma interação contínua entre todas as partes do cosmos, por mais afastadas que estejam uma da outra. A influência da lua nas marés era considerada um exemplo dessa simpatia [...]. Se cada parte mínima do cosmos, contudo, tem um impacto simpático em todas as demais, então não será possível alternar nem mesmo a menor minúcia sem provocar consequências abrangentes" (Sellars, 2024, p. 142).

contradições, a filosofia epictetiana resgata a experiência como um processo aberto, reflexivo e transformador.

A articulação entre as ideias de Chaui e a filosofia de Epicteto oferece implicações profundas para a metodologia de pesquisa, especialmente na educação. A pesquisa acadêmica, em geral, pode inspirar-se na crítica de Chaui ao 'discurso sobre' – que cristaliza o conhecimento como um conjunto de dados fixos – para adotar uma abordagem reflexiva que acolha o 'não-saber' e a experiência ativa como pontos de partida, conforme sugerido por ambos os pensadores. Especificamente, na pesquisa sobre Epicteto na educação, essa perspectiva implica priorizar uma abordagem metodológica dialética, que valorize as transformações das ideias ao longo de uma obra. A abordagem dialética envolve, por exemplo, analisar os movimentos, as tensões e as mudanças da ideia de realização humana e sua relação com a educação nas *Diatribes*, permitindo que a pesquisa revele a dinâmica do saber estoico como um processo vivo de reflexão e prática. Tal abordagem, ao buscar compreender uma natureza viva, racional, animada e inteligente, abrange o movimento, a contrariedade e a interrelação inerentes ao saber como teoria e prática transformadora, contrapondo-se ao paradigma moderno de conceitos e identidades estáticas, que restringe o real e reforça estruturas de dominação científica e política.

Desse modo, o estudo filosófico de Epicteto no contexto educacional aponta para um sentido de integração do indivíduo com a natureza, com vistas a práticas pedagógicas que promovam o trabalho reflexivo, inspiradas na ideia da *simpatia cósmica*. Essa concepção reconhece o indivíduo como parte de um todo interconectado, incentivando a formação de sujeitos éticos que ajam em harmonia consigo mesmos e com o todo.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. Ideologia e educação. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-58, jan./mar. 2016. https://doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400.

CHAUI, Marilena. Saber x poder: em busca do espaço da reflexão. *In*: CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. Vol. 4. Org. Homero Santiago. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 145-64.

CHAUI, Marilena. Um anacronismo interessante. *In*: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César (org.). *As ilusões do eu*: Spinoza e Nietzsche. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 321-48.

EPICTETO. *As* Diatribes *de Epicteto, livro I*. Trad. Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020a. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1926-2.

EPICTETO. Diatribes 2.8, 2.9 e 2.10. Trad. Aldo Dinucci. *Perspectiva filosófica*, Recife, v. 47, n. 1, p. 1-15, 2020b. https://doi.org/10.51359/2357-9986.2020.248346.

EPICTETO. *Disertaciones por Arriano*. Trad. Paloma Ortiz García. Madri: Gredos, 1993.

EPICTETO. Encheirídion *de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2014. https://doi.org/10.14195/978-989-26-0825-9 .

LUZ, Diogo da. *Páthos*: distúrbio passional e terapia em Epicteto. Porto Alegre: Fi, 2019.

SELLARS, John. *Estoicismo*. Trad. Israel Vilas Bôas. Petrópolis: Vozes, 2024.